# FELGUEIRAS
## (Unhão)

Unhão foi uma freguesia do concelho de Felgueiras, distrito do Porto. Após a reforma administrativa de 2013, a localidade de Unhão foi agregada a Lordelo, passando a designar-se União das Freguesias de Unhão e Lordelo. A igreja do Salvador de Unhão dista cerca de 8 km da sede de concelho. Sair de Felgueiras pela estrada N207 na direção de Unhão. Cerca de 7,7 km depois virar à esquerda para o largo da Igreja até chegar à igreja do Salvador.

A igreja de São Salvador de Unhão situa-se no sopé de uma encosta, com declive acentuado, no chamado Lugar da Igreja. Está rodeada de campos de cultivo e esparsas habitações rurais.

O nome Unhão parece ser de origem germânica e anterior à nacionalidade. Maria Leonor Botelho cita uma primeira referência a Unhão em 983, numa doação ao mosteiro de Guimarães. A vila de Unhão – *Unione* – surge referida na doação de bens que Fernando I de Leão fez ao mosteiro de Guimarães em 1059. A designação *Unhom* é do século XIII.

Em 1391, Unhão recebeu carta de feira franca por D. João I. A Terra de Unhão recebeu foral de D. Manuel I a 20 de março de 1515, integrando oito freguesias do atual concelho de Felgueiras e seis do de Lousada. Foi sede de concelho entre 1515 e 1836. Passou depois para o concelho de Barrosas, integrou posteriormente o de Lousada e, em 1855, transitou definitivamente para o de Felgueiras. Em 1882, as paróquias do concelho de Felgueiras, entre as quais se encontrava Unhão, passaram da alçada da arquidiocese de Braga para a alçada da diocese do Porto. No Paço dos Condes de Unhão foram, recentemente, descobertas três pedras lavradas que são comprovadamente três fragmentos do pelourinho de Unhão, segundo Mário Barroca.

*Perspetiva aérea a partir de sudoeste*



*Perspetiva geral da igreja. Alçado oeste*



## *Igreja do Divino Salvador*

O MAIS ANTIGO TESTEMUNHO HISTÓRICO da igreja do Salvador de Unhão é a epígrafe que regista a dedicação da igreja em meados do século XII. Em 28 de janeiro de 1165, D. João Peculiar, arcebispo de Braga, procede à dedicação do templo, segundo inscrição gravada num conjunto de silhares do paramento sul,

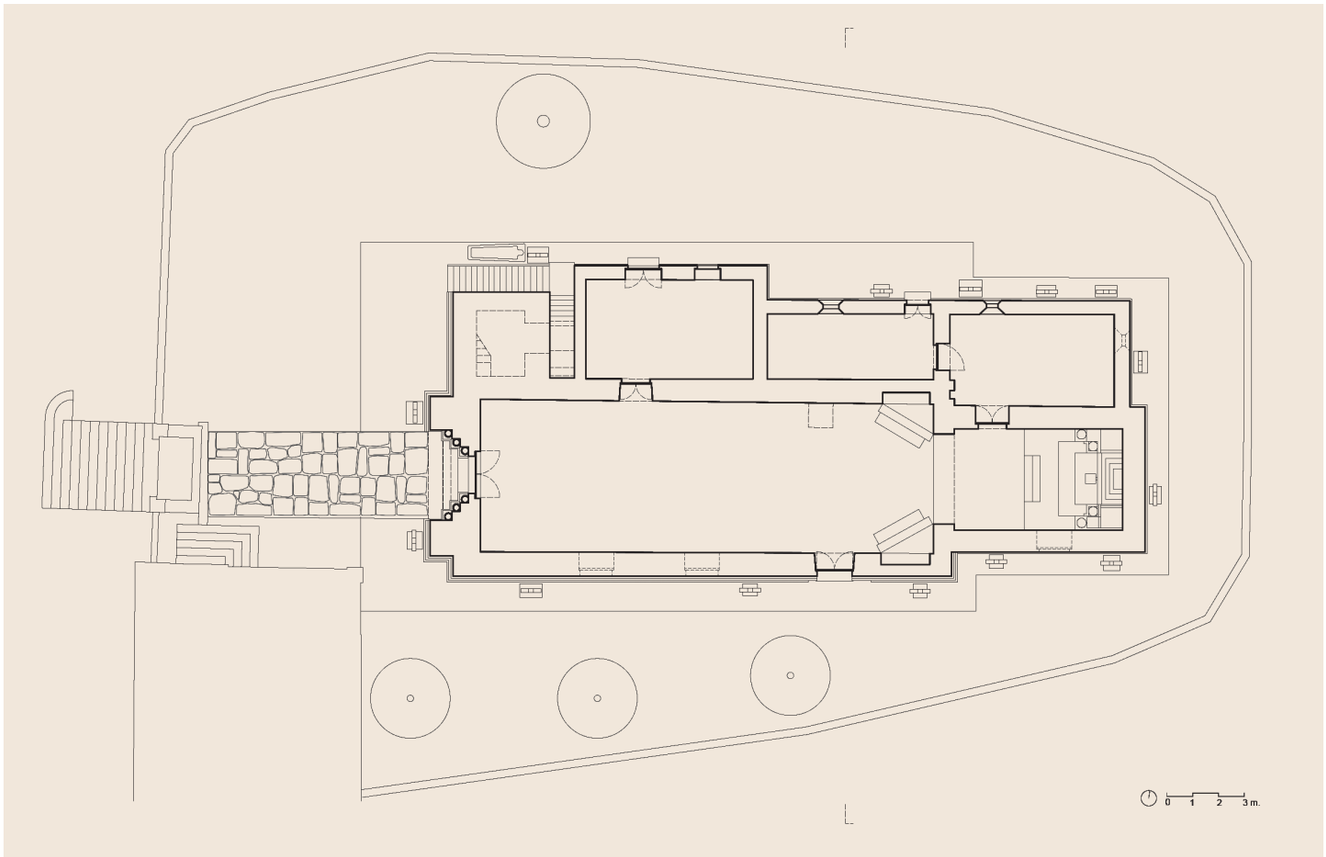
ERA MCC ° III ° DEDICATA / FVIT EC(c)LESIA ISTA ° Per MANVS / ARCHIEPISCOPI IOHaNNIS BRacHarENSIS / V° KaLeNdaS F(e)B(rua) RII° IN IVDICIO ° Magister ° SISALDI S(cripsit)

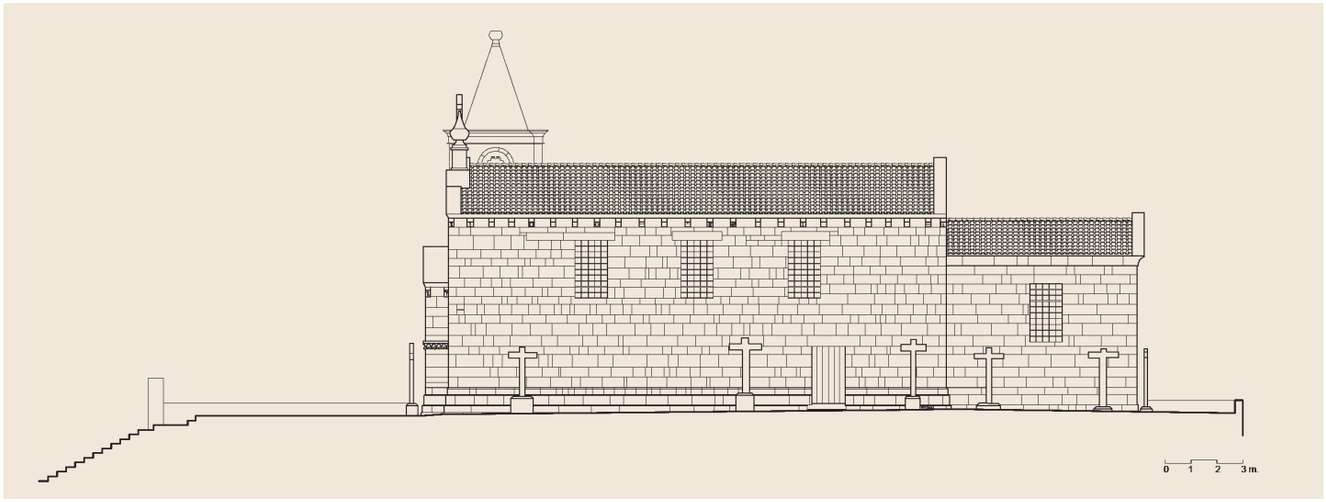
Segundo Mário Barroca, trata-se da inscrição comemorativa da dedicação do templo, gravada já depois da parede



*Exterior. Inscrição comemorativa da dedicação do templo (1165)*

*Planta*



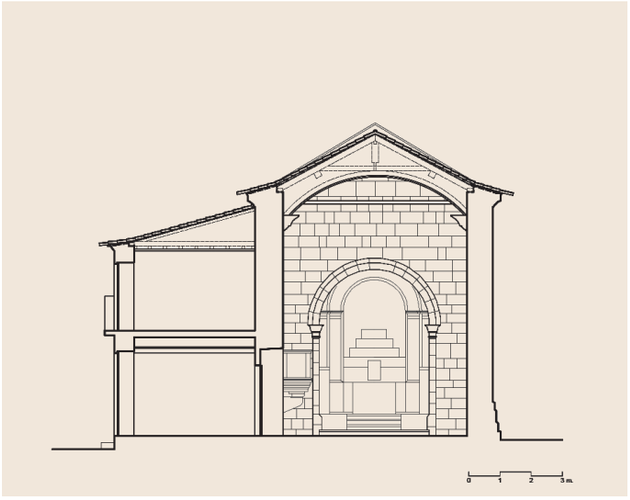



*Alçado sul*

*Alçado oeste*




*Corte transversal*




sul ter sido erguida, e que permite datar ou uma fase da construção ou da conclusão do templo. A referência a *Magister Sisaldi* e a existência de uma série de siglas com um "S" de grande dimensão, parecem sugerir tratar-se do mestre da obra, elemento raro no contexto da arquitetura da época românica em Portugal. Lúcia Rosas adianta que a parede sul da igreja, onde se localiza a epígrafe, terá sido mantida, ainda que parcialmente, na construção do século XIII, o que era recorrente pois firmava a antiguidade da fundação.

Nas Inquirições de 1220 é já subentendida a posição privilegiada de Unhão como honra dos Sousãos. D. Verde, pároco de *Sancto Salvatore de Onhon* declarava que o rei não era o patrono da igreja, nem possuía qualquer reguengo na paróquia, que pertencia então ao julgado de Felgueiras. Segundo as Inquirições de 1258, Unhão era uma honra dos Sousa, onde 20 dos 40 casais da freguesia pertenciam a essa família. A igreja era detentora de dez casais, talvez resultantes de doações antigas como avançam os inquiridos. O padroado da igreja era dos filhos de D. Garcia Mendes, senhores da honra de Unhão. Esta honra de Unhão compreendia ainda as paróquias de Rande e Lordelo. Em 1286-1287, D. Dinis ordena uma inquirição particular aos 23 lugares, honras, coutos e igrejas que foram de Gonçalo Garcia de Sousa, conseguindo recuperar quase todos os títulos e direitos. Nas Inquirições Gerais de 1288 não há referências a Unhão, na Terra de Felgueiras, provavelmente por ter sido alvo de uma inquirição particular no ano anterior.

No Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, ordenado por D. Dinis em 1320, com vista a obter



*Alçado sul. Cachorros*

*Alçado oeste. Fresta*



financiamento para a Cruzada, a igreja de São Salvador de Unhão, na Terra de Sousa, foi taxada em 100 libras.

Tendo vagado a honra em meados do século XIV, o rei D. Fernando doa Unhão ao seu aio Aires Gomes da Silva, o Moço, passando à estirpe dos Silva, e por vicissitudes várias aos Teles de Meneses, mais tarde chamados condes de Unhão. João de Barros, na segunda metade do século XVI, assinalava que os concelhos de Unhão, Sernande, Vale de Geraz, Pousadela e Gestaçô eram da Coroa e "tra los Manoel Tellez de Menezes".

Após 1517, por intervenção de D. Manuel I, Unhão foi convertida em comenda. Segundo o *Livro das Comendas da Ordem de Cristo* (1563), São Salvador de Unhão era uma das comendas dos 20 mil cruzados, no arcebispado de Braga. O referido livro regista que não tinha comendador atribuído nem indica o valor da sua avaliação.

Nas Memórias Paroquiais de 1758 é declarado que o orago da freguesia é o Salvador e que a igreja tinha cinco altares, sem naves. Na freguesia havia várias capelas e ermidas. Na sequência do terramoto de 1755, a cruz do campanário ruiu, mas logo se voltou a edificar. O pároco, Gervásio Martins Andrade, declara ainda que a igreja era muito antiga e fora edificada em 1203 (ano 1165) "e consta



*Portal ocidental*



*Capitéis do portal ocidental*

ser sagrada pelo que se mostra de hum letreiro escorpido na parede da mesma igreja", aspeto que confirma o valor de antiguidade já reconhecido à epigrafe medieval.

As intervenções levadas a cabo na igreja, no século XVIII, alteraram por completo a cabeceira, não permitindo uma análise da sua edificação medieval. Elementos introduzidos na época moderna foram a torre sineira, a sacristia e a Via Sacra, obedecendo frequentemente às novas diretrizes resultantes de Trento.

A igreja matriz de Unhão apresenta uma configuração comum ao românico português. Dotada de nave única e cabeceira retangular, um pouco mais estreita e mais baixa que esta, a sua fachada principal volta-se a oeste. Contudo, a cabeceira atual resulta de uma transformação realizada durante a época moderna. A nave e a fachada oeste são, portanto, os elementos remanescentes da época românica. Adossam-se ao alçado norte da nave diversos espaços edificados na época moderna, cumprindo a função de sala de arrumos e de sala de catequese. Estes compartimentos ocultam parte da fachada norte da nave e, consequentemente, levaram a que as frestas românicas fossem entaipadas, permanecendo assim visíveis a partir do interior da



*Tímpano do portal ocidental*

igreja. Também a norte edificou-se a sacristia, alinhada com a cabeceira. Alinhada com a fachada oeste, a torre sineira adossa-se a esta, também a norte, como que ampliando-a. Definiu-se assim, na época moderna, uma ampliação volumétrica do conjunto edificado e que se materializa pela diferenciação de volumes. A nave da igreja, com cobertura de duas águas, é o corpo mais elevado. A abside, mais baixa que esta, apresenta sistema de cobertura idêntica. Os corpos edificados a norte apresentam cobertura de uma água e foram edificados com alturas diferenciadas. É, portanto, no alçado norte da nave que podemos observar a persistência dos paramentos da fábrica românica e respetiva sapata escalonada para sustentação. A esquadria está bem marcada, configurando um aparelho pseudo-isódomo. É aqui que se conserva a epígrafe, já referida, que celebra o dia de 28 de janeiro de 1165 como o da dedicação da igreja do Salvador de Unhão por D. João Peculiar.

Tanto a capela-mor como a torre sineira resultam da reforma realizada durante o século XVIII. É, portanto, nos alçados laterais da nave que persistem ainda vestígios da época românica. Na fachada lateral sul, além da já referida epígrafe, conserva-se ainda uma grande extensão de aparelho românico, apesar de ter sido rasgada com três janelões retangulares e dotados de gradeamento, tipicamente barrocos, e por um portal de lintel reto, da mesma cronologia. Conserva-se, no entanto, a cachorrada que sustenta uma profunda cornija de ressalto. Embora grande parte dos cachorros sejam lisos, alguns deles apresentam elementos decorativos de carácter geometrizante, como rolos. A simplificação dos motivos ornamentais comprova a sua conceção tardia no quadro do românico português. Neste alçado da nave, a reminiscência de mísulas e de excertos de lacrimal dizem-nos que esta fachada lateral foi dotada de uma estrutura alpendrada, hoje desaparecida. Este abrigo, por ter sido feito com materiais efémeros (como a madeira e a telha) não sobreviveu até aos nossos dias.

No alçado norte, persistem ainda estreitas frestas, confrontantes com os janelões retangulares do lado sul. São visíveis sobre os corpos edificados na época moderna. De igual modo, conservam-se os cachorros de secção retangular que sustentam a cornija, também profunda.

A fachada oeste é a que mais se distingue no conjunto edificado em Unhão e devemos notar que, apesar das profundas transformações sofridas pela igreja durante a época moderna, com vista à sua barroquização, esta foi então conservada. O arranjo da fachada acusa a permanência de

um formulário que se disseminou pela região do vale do rio Sousa, particularmente ao nível da composição dos portais, enquadrados por corpos avançados, terminando em empena triangular. Compondo uma forma pentagonal, esta solução cria uma profundidade maior ao portal que assim se pode desenvolver pela multiplicação de arquivoltas. Esta organização é algo frequente nesta região, nomeadamente aqui em Felgueiras, onde também surge em Santa Maria de Airães e em São Vicente de Sousa.

O portal é composto por três arquivoltas de arestas vivas, aspeto que denuncia a capacidade de bem esquadriar do estaleiro que o concebeu. A estas três arquivoltas escalonadas correspondem três colunas que intercalam os fustes cilíndricos com os prismáticos. Este arranjo é comum a esta região e que poderemos encontrar a sua origem no portal lateral sul da igreja de Santiago de Coimbra. Uma quarta arquivolta, igualmente lisa, apoia-se já sobre os pés direitos do muro, tal como o arco envolvente, que nobilita o conjunto, e que surge ornado com bilhetes relevados.

As impostas prolongam-se ao modo de friso pelo corpo avançado pentagonal. A sua ornamentação é erudita e provem da região de Braga e que se disseminou largamente por todo o Entre-Douro-e-Minho. Mostra-se aqui o motivo das palmetas simplificadas, também identificadas como corações invertidos. Este motivo resulta da simplificação da palmeta de tipo clássico, resumindo-se apenas ao seu contorno externo e Artur Nobre de Gusmão definiu-o como sendo constituído por arcos ou ângulos, presos dois a dois ao nível dos enrolamentos.

Ferreira de Almeida reconhece um certo "ar de família" entre a modelação dos capitéis deste portal e os de São Pedro de Ferreira (Paços de Ferreira) e Santa Maria de Pombeiro (Felgueiras). No entanto, aqui em Unhão, a execução plástica destes elementos é algo diferente ou mais refinada. Considera o mesmo autor que pela sua decoração vegetal muito encestada este conjunto de capitéis esteja entre os mais bem esculpidos de todo o românico nortenho. De notar o grande rigor geométrico, sobressaído pelo fino talhe do bisel. Na primeira parte do cesto destes capitéis vemos folhagens densas, onde se identificam três tipologias distintas, três por cada lado, donde saem fortes volutas. Lúcia Cardoso Rosas destaca

*Interior. Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental*



o especial cuidado posto no arranjo deste portal de que é natural reflexo a qualidade plástica da sua escultura.

Tal como o arranjo dos capitéis, também a alta sapata sobre a qual se instalam as bases das colunas do portal nos remetem para uma cronologia tardia, já a anunciar um gótico nascente e que corresponde naturalmente ao século XIV. Além disso, os plintos das bases estão ornados com um motivo relativamente frequente no repertório da escultura românica e que Nobre de Gusmão descreve como sendo constituído por uma repetição de pequenos quadros com as diagonais marcadas, encostados uns aos outros, formando normalmente uma só fila que se desenvolve horizontalmente.

O tímpano, assente sobre lintel liso, tem cruz pátea vazada envolvida por entrelaços, numa solução próxima do tímpano do portal sul da sé de Braga, geralmente denominado por Porta do Sol. Este motivo conheceu algum acolhimento durante a época românica. Para Pedro Vitorino, a forma da cruz, de hastes estreitas, espatulada, com um disco central, merece particular referência, reconhecendo aqui uma derivação artística da Cruz dos Anjos, visigótica, do século IX, da catedral de Oviedo. Uma fresta sobre o portal enfatiza a verticalidade da fachada. Rasgada sobre o ângulo da empena, afirma um eixo central na composição. Esta fresta é envolvida por dois arcos de volta perfeita, de arestas vivas, assente o arco interior sobre um par de colunelos e o exterior, envolvente, sobre os pés-direitos do muro. Este apresenta no chanfro um friso composto por uma série de círculos encadeados. Artur Nobre de Gusmão considerou este tema, formado por uma série de arcos de raio constante e que se vão sucedendo enlaçados um a um, como sendo um motivo muito frequente nas nossas igrejas românicas. Os colunelos têm fuste liso e os seus capitéis ostentam motivos vegetalistas estilizados.

O remate superior da fachada foi transformado na época moderna que o dotou de cruz assente sobre base decorada com volutas e enquadrada por duas pirâmides bolbiformes.

Na torre sineira, no alçado voltado a oeste, não encontramos vestígios significantes da época românica, embora não se possa descurar a possibilidade da reutilização de aparelho proveniente da fábrica primitiva. Já na torre, embora o seu remate superior nos transporte diretamente para uma linguagem artística, algo chã, característica da época moderna, é bem possível que a sua construção resulte da existência de uma torre sineira medieval, já incorporada na fachada, à maneira da torre do mosteiro de São Pedro de Cête (Paredes). Apesar da delimitação existente ao nível do alinhamento dos silhares que formam quer a fachada da igreja, quer a torre sineira, é claramente percetível que estamos diante de dois corpos distintos. É evidente a qualidade da esquadria dos silhares da torre sineira que, apesar de edificada ou transformada no século XVIII, poderá evidenciar uma pretensão de dar harmonia ao conjunto, pela continuidade das soluções adotadas ao nível dos materiais.

A Via-Sacra, que se encontra ao redor da igreja, é um conjunto originário da época moderna, correspondendo cada cruz a um passo da Paixão de Cristo.

O interior da igreja de Unhão foi profundamente transformado durante a época moderna, dando resposta às necessidades de criação de um ambiente litúrgico pós-Tridentino. Destaque-se a reedificação total da capela-mor entre a segunda metade do século XVII e os inícios do século XVIII, a que correspondeu uma campanha ornamental que aqui introduziu um rico conjunto de elementos decorativos em azulejo, talha dourada e de peças de imaginária.

Apesar de conservar o granito aparente nos alçados interiores, a nave foi por esta altura adaptada às novas necessidades litúrgicas, conforme comprova a presença de um púlpito na parede do lado do Evangelho, do coro

*Interior. Fresta do alçado oeste da nave*



alto ou de quatro retábulos, já neoclássicos, dois colaterais junto do arco triunfal, e colocados de canto, e dois laterais, adossados aos muros da nave, com suas imagens devocionais.

O primitivo templo de Unhão foi sagrado em 1165, conforme comprova epígrafe ainda presente no alçado sul da nave. Caso raro na época românica portuguesa, esta informa-nos sobre quem sagrou a igreja e, ainda, sobre o seu mestre pedreiro. A igreja românica do Salvador de Unhão terá sido edificada, ou concluída, nas primeiras décadas do século XIII, conservando atualmente a nave edificada nesse período. Apesar de profundamente transformada na época barroca, dando resposta a novos preceitos litúrgicos, conservou-se a nave e a sua fachada. Maria Leonor Botelho colocou diversas questões procurando compreender esta realidade: será que a manutenção da fachada românica durante a época moderna dará resposta a um sinal de prestígio ou a uma necessidade de justificar a antiguidade deste templo? Ou será que se manteve este conjunto românico porque se reconheceu a sua evidente qualidade plástica? Ou será que, por fim, numa hipótese mais redutora, apenas se optou por preservar o arranjo já existente por uma questão financeira?

Conhece-se bem a permeabilidade da arquitetura românica portuguesa. Além da sua natural durabilidade, atendendo ao material utilizado na edificação, a aparente simplicidade estrutural das fábricas das igrejas ajustou-se bem às transformações exigidas durante a época moderna que optaram pela substituição de alguns elementos estruturais, como a edificação de novas cabeceiras, ou a conceção de mobiliário com funções litúrgicas, como os coros altos ou os púlpitos. São Salvador de Unhão é um excelente exemplo desta capacidade de adequação. É particularmente ao nível do seu portal que identificamos as características do chamado românico nacionalizado. Um corpo avançado enquadra um profundo portal cujas arquivoltas, além de se sustentarem sobre colunas alternadamente cilíndricas e prismáticas, ostentam uma escultura biselada, mais plana que relevada.

A igreja foi classificada como Imóvel de Interesse Público em 1950 e integra a Rota do Românico do Vale do Sousa desde 1998, recebendo obras gerais de conservação desde então.

Texto: MLB/JL - Fotos: RR/MLB
Planos: GM/MF/MS (a partir de RR/LC/MM)

*Bibliografia*

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 120; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 119 (de 1165, janeiro, 28); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 138 (de 1165, janeiro, 28); BARROS, J., 2019, pp. 138 e 222-223; BOISSELLIER, S., 2012, p. 149; BOTELHO, M.L., 2010b; BOTELHO, M.L., 2010c, pp. 23, 27-56 e 63-86; BOTELHO, M.L., 2010d; BOTELHO, M.L. e ROSAS, L.M.C., 2015, pp. 47-61; CUNHA, M.C.A. e TAVARES, P.V.B., 2015, pp. 62-75; DIAS, G.J.C., 2011, pp. 147-150; GEPB, 1935-60, XXXIII, pp. 382-384; GUSMÃO, A.N., 1961, pp. 26, 40 e 42-44; LENCART, J., 2018, p. 458; LMUMADONA doc. n.º 45 (de 1059), p. 79 e doc. n.º 8 (de 1059), p. 223; MEM. PAROQ. 1758 (2009), pp. 255-257; PMH, INQ., pp. 73, 166, 209 (de 1220) e p. 558 (de 1258); ROSAS, L.M.C., 2008, pp. 333-348; ROTA DO ROMÂNICO; SIPA; SOTTOMAYOR-PIZARRO, J.A., 2015b, pp. 22-38; VITORINO, P., 1941, p. 11.